

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

DF

L . E . T . R A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 21 a 22

Suplemento Cultural  
1995



ADVERTÊNCIA  
02 MAR 1995  
Câmara Legislativa do Distrito Federal  
DF

é... boi!

: I m a n t e d e T e d e r :

**A**pós 20 anos da morte de Érico Veríssimo, a família do escritor gaúcho autorizou a impressão de um livro inédito do autor, em língua portuguesa: *Breve História da Literatura Brasileira*, da Editora Globo.

Acompanhando a onda nostálgica dos remakes e reedições com sabor de "novo", encontramos também um texto inédito de Veríssimo que só foi publicado em 1976, na *Revista Paralelo*, editada em Porto Alegre (RS), um ano após a sua morte.

No texto, Veríssimo mexe em caixa de marimbondos: fala sobre o machismo do gaúcho. Ele nos apresenta de forma bem-humorada a decantada valentia dos pampas, ora em forma de causos ora em comparações com outros tipos de machos, inclusive os que Hollywood mistificou. O escritor gaúcho, ao final, nos faz uma preocupante constatação: "o machismo não deixa de ser uma espécie de neurose, uma medalha de herói em cujo verso se pode descobrir um homossexualismo latente". Veríssimo falou, está falado!

# MACHISMO

■ ÉRICO VERÍSSIMO

O machismo tem - parece-me - pelo menos duas conotações importantes: uma é a hombridade, da bravura pessoal e a outra, a da potência sexual. Costumam aparecer juntas nos homens que proclamam seu machismo, mas não raro encontram os casos em que um sujeito se gaba de sua coragem física (quebrei a cara de um fulano, enfrentei sozinho a facção dois bandidos ao mesmo tempo e levei a melhor, não levo desaforo para casa, etc...) não raro para esconder alguma fraqueza de natureza sexual. E vice-versa.

O machismo dos ingleses é discreto. Entre eles não é considerado de bom tom ou bom gosto contar atos de valentia ou proezas sexuais. Já os franceses cultivam um machismo patrioteiro, ao som da *marselhesa*, tudo isso em meio de bandeiras e condecorações. Quanto ao sexo, acham que ninguém no mundo sabe fazer amor com mais requinte e imaginação que eles. Mas a verdade é que seu machismo é mais sofisticado do que o nosso.

Quando estive no México ouvi

*Ilustrações baseadas em desenhos de José Larzelotti (In Brasil História, Costumes e Lendas, Editora Três)*

esta frase: "Los Americanos son bon maridos pero malos amantes. Los gringos son muy debiles. Los machos somos nosotros". Creio que se pode afirmar que é na chamada América Latina que se encontra o machismo mais exacerbado. Para esconder o quê? Talvez em parte nossa condição de países subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento (sou pobre em dinheiro mas rico em coragem). Ou será principalmente por causa do nosso cáldido temperamento meridional?

Sinto que estou fazendo uma digressão inútil. Creio que querem que eu fale no machismo gaúcho. O Rio Grande do Sul tem sido, de acordo com a história escrita e oral (ambas impuras, com grande conteúdo mítico) um viveiro natural de machos. Até que ponto isto é verdade? Do pon-



to de vista sexual não é fácil responder esta pergunta, se a queremos atualizada. Ainda não tem os estudos do tipo relatório Kinsey entre nós. Quanto ao lendário *Centauro dos Pampas*, bom, só entre nós. Bom, só agora se começa a contar a história do nosso Estado sem os mitos tradicionais que tendiam a dar a entender ao resto do Brasil que nós, os gaúchos, mantemos o monopólio da coragem e que gaúcho é sinônimo de bravo, forte e impetuoso.

Creio que em doses variáveis, o machismo existe em todas as sociedades humanas. Que é que nós temos mostrado durante quase meio século nos filmes de Hollywood, especialmente aqueles cujas estórias se passam no *far-west*, senão a grandeza do

Edmar  
Cordeiro  
(PSDB)



*O Brasil é um dos poucos países do mundo que não valoriza seus heróis. O trabalho de nossos combatentes da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial, por exemplo, passa às margens do aprendizado escolar. Para resgatar parte deste importante momento de nossa história, é necessária a construção em Brasília do Monumento ao Soldado Desconhecido. É inaceitável que os chefes de estado que visitam nosso País tenham que se deslocar ao Rio de Janeiro para cumprir o ritual de homenagem aos nossos heróis.*

Renato  
Rainha  
(PL)



*As tradições culturais de um povo são parte integrante do dia-a-dia de toda a população. Um povo sem cultura perde sua identidade e por isso é de fundamental importância que todos lutem pela preservação das manifestações folclóricas. Brasília, como capital de todos os brasileiros, tem aqui representadas diversas culturas, dos mais distintos rincões. O bumba-meu-boi, como não poderia deixar de ser, também está presente através do "bumba do Teodoro", de Sobradinho.*

macho americano, impávido, generoso e nobre? Quanto ao sexo, só recentemente, talvez por influência do cinema europeu, é que os heróis dessas estórias cinematográficas estão mostrando, pelo seu interesse pelas atividades sexuais, que não são basicamente diferentes dos outros mortais. Essas estórias que se contam sobre frieza das *raças nórdicas* não passam de pura balela.

Mas voltemos ao Rio Grande do Sul. Nosso Estado é uma fronteira. Foi durante mais de cem anos o mais sangrento dos campos de batalha do Brasil. Em setenta e sete anos tivemos no mínimo onze guerras e revoluções. Era natural que se formasse aqui uma sociedade em que só podiam sobreviver os fortes, os bravos. Nossa paisagem de horizontes largos, planícies e coxilhas a perder de vista não propiciou o aparecimento de lendas e isto explica nossa pobreza folclórica. Com exceção da bela lenda do Negrinho do Pastoreio e mais duas ou três outras, o resto são lendas espanholas de sabor mouro que nos chegaram via Argentina e Uruguai, dois países com os quais temos uma cultura gauchesca. (Sinto que ao fazer estas

afirmações eu esteja assinando um cheque ao portador, sem saber se tenho fundos). Assim, o nosso folclore é uma espécie de subproduto da nossa história ou, antes, teve sua origem nos *causos* que gaúchos andeijos contavam ao pé do fogo, nos galpões ou acampamentos militares, nos bolichos de beira de estradas, em suma, onde quer que se encontrasse um grupo para beber cachaça ou jogar truco; eram estórias que se diziam haver presenciado ou ouvido de outras bocas, a respeito de atos de bravura de *patricios* cujos nomes sabiam ou ignoravam. Assim foram nascendo os nossos heróis (e entre eles os nossos bandidos, os que tinham a coragem de passar a faca no pescoço dos prisioneiros, após os combates).

A literatura encarregou-se do resto, romantizando o tipo e tratando de explorá-lo para o resto do país. Esses *causos* exaltavam outras qualidade que passaram a pertencer - acredito que na maioria dos casos por motivos legítimos - ao gaúcho, a saber: cavalheirismo, lealdade, desprendimento, repúdio à emboscada, à traição, insistência em atacar o inimigo de frente, de cara. Mas a verdade é que, postas todas estas qualidades e defeitos no caldeirão do tempo e mexidas e remexidas, obtinha-se uma mistura final cuja característica se definia numa palavra: macho. Na nossa campanha, alguns até por ênfase pronunciavam-na à maneira castelhana: *matcho*.

(Para os que queiram ter uma idéia do tipo gaúcho, de seu linguajar e de sua psicologia entre fins do século passado e o primeiro decênio deste, recomendo os incomparáveis *Contos Gauchescos* de Simões Lopes Neto).

O gaúcho parla-patão, que vive proclamando aos quatro ventos a sua hombridade, esse é um produto caricatural - em alguns casos vítima de uma literatura regionalista falsa. O que

não se pode negar é que existiu - e ainda sobram aqui e ali resquícios de uma mentalidade gauchesca. Era natural também que nas muitas revoluções (a dos Farrapos teve belas páginas mais consentâneas com a reputação dos homens deste extremo sul do Brasil), especialmente a de 93 - entre maragatos e picapaus - também se praticassem atos de crueldade inomináveis. Delas saíram para a história (ainda muito tímida e omissa nesse particular) e para o folclore, figuras sinistras de bandidos cujas *proezas* eram de certo modo admiradas, pois até hoje há uma curiosa tendência popular de achar que a coragem pessoal dum indivíduo pode redimi-lo de seus crimes e atrocidades.



O poeta Vargas Neto, excelente papo, costuma contar o *causo* dum tal de Andriano Sutil das Dores, preto valente, e um preto valentão, herói de muitas revoluções e duelos. Tendo de se submeter a uma operação de certa gravidade, quando já se achava na mesa de operações, prestes a ser cloroformizado, olhou para o cirurgião que empunhava o bisturi e lhe disse: "*Doutor, esse vai ser em toda a minha vida o primeiro talho que não defendo*". Por alguma razão que desconheço, Bagé adquiriu no Rio Grande do Sul a fama de ser o berço de gente dura e brava. Conta-se que num trem que vinha do Rio para São Paulo, um passageiro entregou petulantemente ao condutor o seu bilhete espetado na ponta de uma adaga, assim com arzinho de provocação. O condutor puxou do bolso um revólver, picotou o bilhete com dois tiros, devolveu-o ao viajante e disse, no mesmo tom: "*Eu também sou de Bagé*". É muito conhecida entre nós a expressão bageense: "*Para nós, talho de palmo é vacina*".

Conheci um gaúcho que amava as revoluções e que costumava ficar de pé na linha de fogo, indiferente às balas que passavam zunindo perto dele. Quando um companheiro lhe gritava: deite-se major, que a coisa está feia, ele retrucava: "*Não sou lagarto para andar de barriga no chão*".

Quanto às proezas sexuais, creio que quem se gaba delas e as proclama com mais frequência e orgulho (e também com espírito estatístico) é o gaúcho urbano. O do campo é muito discreto e *casual*, nesses assuntos.

Já li e ouvi dizer que nos meus romances que formam a trilogia intitulada *O Tempo e o Vento*, procurei justificar e/ou glorificar o machismo gaúcho. Nada mais errado. Minha intenção foi outra e muito mais complexa. Tipos como o capitão Rodrigo existiram e talvez ainda existam, embora em menor número, hoje em dia. Tinham o pitoresco e suas boas qualidades a par de suas preocupações com o *machidão* (existe esta palavra?). O que o leitor encontrará nesses meus livros, em maior número, é o homem do Rio Grande do Sul que tem a coragem si-

lenciosa, varões que jamais sentem a necessidade de provar que são homens. Secos, reservados, detestam as frases e os gestos teatrais. E que dizer da galeria de mulheres da referida trilogia? Essas são as grandes figuras heróicas de *O Tempo e o Vento* - modelos de coragem no dia-a-dia, constituíam o chão e o repouso dos guerreiros, foram o elemento vertical na povoação do Rio Grande do Sul. Ana Terra um dia apanhou uma arma de fogo e abateu o índio que se debruçava com *malas intenciones* sobre o berço de seu filho. O selvagem baqueou morto, mas Ana não gostava que lhe lembrassem essa passagem de sua vida.

Seja como for, o Rio Grande mudou nestes últimos cinquenta anos. Um novo herói está surgindo: o empresário, o industrial, o técnico. O rá-

dio e a televisão estão pouco a pouco dando uma unidade à língua portuguesa que se fala no Brasil ou então um intercâmbio de termos entre todos os nossos estados. As estradas de cimento asfáltico propiciam o aparecimento de novas povoações em que a bomba de gasolina aparece como elemento de primeira necessidade. De estanceiros sei que já param rodeios de dentro de jipes.

Creio que o machismo - repito - existe em todos os agrupamentos humanos. O que difere é a maneira como ele se expressa e que depende do temperamento de cada grupo social ou de cada indivíduo. No Brasil existe o machismo gaúcho, o nordestino, e assim por diante. Pensem na pitoresca literatura de cordel, tão rica nos estados do Nordeste brasileiro e que conta a história de heróis e bandidos, de amor e perdição, de santos e profetas, do povo, de cangaceiros, coronéis, vaqueiros, etc.

Para terminar quero contar mais uma pequena estória. Uma vez há muito tempo, num bolicho onde gaúchos melenculosos e bombachudos encontravam-se a beber, um desses pôs-se a olhar com insistência para o sujeito que estava sentado sozinho a uma mesa próxima. Sentindo-se assim observado, o desconhecido ergueu a cabeça e alteando a voz perguntou: Por que é que está me olhando, moço? O outro respondeu: "*Por nada. Desculpe*". Pouco depois tornou a mirar fixamente para o solitário que, depois de lhe lançar olhares furibundos, não se conteve, ergueu-se, puxou o revólver e meteu cinco balaços no corpo do imprudente. Levado ao delegado de polícia foi interrogado. Por que foi que baleou o homem? E o assassino, sem remorso, ainda indignado com a vítima, rosou: - "*porque ele estava me olhando como se eu fosse uma mulher. Sou macho e quem duvidar disso me experimente*".

Contei essa estorinha para ilustrar a idéia de que, na minha opinião, o machismo não deixa de ser uma espécie de neurose, uma medalha de herói em cujo verso se pode descobrir um homossexualismo latente.

